

As fronteiras entre história e literatura: a recepção de Hayden White na revista *História da Historiografia* (2009 - 2019)

The boundaries between history and literature: the reception of Hayden White in the journal *História da Historiografia* (2009 - 2019)

Lucas Fernandes

Graduando em História

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

fernandes-luca@hotmail.com

Recebido: 19/03/2024

Aprovado: 07/08/2024

Resumo: Hayden White, ao afirmar que o ofício historiográfico é marcado pela imaginação histórica, causou grandes provocações no debate internacional. Este trabalho propõe analisar artigos publicados na revista *História da Historiografia*, um dos principais veículos de publicação científica nos campos de teoria, história da historiografia e história intelectual, com o intuito de delinear as diversas formas pelas quais a teoria de Hayden White foi recebida na historiografia brasileira da última década. Além disso, objetivamos compreender as interpretações realizadas em torno dos efeitos literários na escrita histórica e seus impactos na compreensão das fronteiras entre história e literatura.

Palavras-chave: Hayden White; História e literatura; História da Historiografia.

Abstract: Hayden White's assertion that the historiographical craft is marked by historical imagination caused great provocation in the international debate. This paper aims to analyze articles published in the journal *História da Historiografia*, one of the main scientific publication vehicles in the fields of theory, history of historiography and intellectual history. The main objective is to understand the various appropriations made of Hayden White in the last decade, delimiting interpretations made around the literary effects on historical writing and their impact on understanding the boundaries between history and literature.

Keywords: Hayden White; History and literature; History of Historiography.

“All stories are fiction”: aspectos iniciais

Este texto é motivado pela inquietação diante da literariedade presente na escrita histórica: seriam todas as histórias fictícias?⁶ Ao longo destas páginas, propomos analisar de que maneira os efeitos do giro linguístico foram tratados em artigos selecionados da revista *História da Historiografia*, entre os anos 2009 e 2019⁷, relacionando suas proposições às preocupações sociais das historiadoras e dos historiadores que o mobilizaram. Mais especificamente, nos deteremos na análise da recepção de Hayden White – considerado um dos emblemas dessa “virada” – dando enfoque a artigos que trataram diretamente de sua teoria dos trópicos, bem como àqueles que a utilizaram para elaborar questões pertinentes à teoria da história. Nosso principal objetivo é compreender como as fronteiras entre história e literatura são colocadas em jogo – ora sendo completamente delimitadas, ora aparecendo consideravelmente oblíquas – ao ser incorporada a obra whiteana na historiografia.

A *História da Historiografia* teve, desde seu princípio, grande preocupação e apreço pelo debate plural de ideias. Com seu primeiro número lançado em 2008, a revista em questão se tornou uma importante referência nas áreas de teoria da história e história da historiografia. Reconhecendo sua influência nos meios digitais e sua vasta circulação no meio acadêmico, acreditamos que, a partir dela, é possível estabelecer um recorte profícuo e produtivo para o estudo da recepção de Hayden White na historiografia brasileira. Para isso, traçaremos um panorama crítico do giro linguístico e, posteriormente, analisaremos as maneiras através das quais historiadores incorporaram a teoria do intelectual norte-americano para refletir sobre a história enquanto prática, lugar e escrita.

As direções de um “movimento”: Um giro linguístico em 360°?

Definir o problema que motiva o trabalho histórico é uma tarefa complexa, não passível de uma definição única e, em termos mais abstratos, é uma ação que permite configurar um espaço de debates que retroalimentam sua própria emergência. Longe de uma naturalização do problema histórico, trata-se de imaginar uma dimensão fabricadora do ofício. Seguindo essa rota, Michel de

⁶ Este artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica (PRPq/UFGM) realizada entre 2022 e 2023, no âmbito do projeto “A escrita como ética das emoções: ensaio e experiência limite na história e na literatura”, sob orientação do prof. Douglas Attila Marcelino.

⁷ Ao longo da pesquisa, foram selecionados e analisados dezoito artigos publicados no recorte temporal aqui estabelecido. Todavia, não são todos que recebem espaço neste texto, tendo em vista que demos prioridade àqueles que se dedicaram diretamente à obra de White ou se valeram de sua teoria para analisar livros historiográficos e/ou literários. Na seção de referências, explicitamos todas as fontes, mesmo aquelas não referidas no texto, para facilitar a consulta da leitora ou do leitor interessado.

Certeau (2022) afirmou que a palavra historiografia representa um oxímoro, pois é composta por elementos da experiência palpável (historio) e pela elaboração discursiva da narrativa (grafia), trazendo como substancial o caráter inventivo da história.

Tomar o discurso como construtor da realidade deu feição ao denominado giro linguístico, amplamente discutido nas últimas décadas como um elemento que dinamizou as práticas historiográficas a partir dos anos 60 do século XX. Gabrielle Spiegel, ao assumir a presidência da Associação Americana de História (*American Historical Association*), declarou que as humanidades não apenas passaram por um desafio semiótico, mas também por questões de cunho filosófico sobre a linguagem, que inclusive geraram interpelações nos âmbitos da cultura e, portanto, da antropologia e da psicanálise (*apud* SURKIS, 2012, p. 702-704). Ocorreram, assim, diversas interrogações às práticas dos estudos sociais, as quais foram agrupadas na nomenclatura de um giro. Na historiografia em específico, um giro pode indicar uma ruptura, uma reviravolta, ao mesmo tempo que indica um movimento em direção a algo. Um giro se dirige a um determinado mérito ao formulá-lo por meio – e por causa – de sua ruptura.

Essa problemática é um legítimo alvo de preocupação por parte de historiadoras e historiadores que refletem sobre a experiência do tempo através de sua escrita. A historiografia do século XIX, por exemplo, foi fortemente marcada pela separação radical entre passado e presente devido à formulação do conceito de progresso e, também, da ideia de que determinadas sociedades ficaram em tempos passados. Decorrente disso, o movimento da história poderia ser descrito como uma sucessão de momentos historiográficos. Em decorrência disso, torna-se comum elaborar a categoria de giros para analisar a trajetória do ofício histórico e a escrita do tempo.

Fazendo uma genealogia do giro linguístico, Judith Surkis (2012) demonstra que diversos historiadores lidaram com ele através do seu enquadramento em “gerações” no debate historiográfico. Porém, o problema que circunda essa classificação geracional é evidente: implica dar coerência a questões que, embora tivessem sido mutuamente levantadas, possuíam preocupações, metodologias e epistemologias distintas. De modo semelhante, Temístocles Cezar (2015), em seu ensaio sobre os efeitos do giro linguístico na historiografia brasileira, argumenta que não devemos cair na armadilha de considerar o giro como um movimento. Em suas palavras:

Embora possa parecer, à primeira vista, uma organização disciplinar, tal movimento caracteriza-se pela dispersão de ideias e a ausência de um centro aglutinador que as unifique de fato. Portanto, falar em “movimento” só não se constitui em abuso de linguagem se mantivermos certa tolerância teórica (CEZAR, 2015, p. 441).

Até que ponto seria o Giro Linguístico uma ruptura ou descontinuidade no pensamento histórico? É certo que, com o surgimento de campos de estudos como a psicanálise e a linguística, os historiadores adquiriram importantes repertórios para repensar sua prática. Por outro lado, não seria justo indicar que, anteriormente, não havia indagações sobre a composição literária da escrita da história. De todo modo, pode-se dizer que a historiografia orientada pelos *Annales* e, ainda, pela sociologia durkheimiana buscava estruturas de mentalidades em temporalidades longas, muito influenciada por um certo materialismo. O que aparece, então, com a virada cultural e as interferências da linguística é, de modo geral, a diferenciação entre empiria e realidade, sendo esta uma construção a partir das sensibilidades e visibilidades proporcionadas pelo empreendimento histórico (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2019, p. 19-35).

“Afinal, de que White estamos falando?”: Hayden White, um relativista, um estruturalista, um narrativista?

Como afirmado por Cezar, (2015, p. 441), “cada cultura historiográfica o apropriou [o giro linguístico] à sua maneira, algumas cedendo mais, outras, sem abrir mão de suas idiossincrasias epistemológicas, menos”. No caso da perspectiva anglo-americana, o giro linguístico foi impulsionado com a publicação de *Meta-história: a imaginação histórica no século XIX*, em 1973, por Hayden White. Nesse livro, o americano argumenta que o trabalho principal do historiador é construir um protocolo linguístico

preenchido com as dimensões léxicas, gramaticais, sintáticas e semânticas, por meio do qual irá caracterizar o campo [histórico], e os elementos nele contidos, nos seus próprios termos (e não nos termos em que vêm rotulados nos documentos) e assim prepará-los para a explicação e representação que posteriormente oferecerá deles em sua narrativa (WHITE, 2019, p. 45).

Esse protocolo é um elemento pré-conceitual e poético, justamente porque envolve razões subjetivas de compreensão do mundo que não passam pela objetividade excepcionalmente empírica das ciências da natureza. Por defender que a história é um campo científico, filosófico e linguístico ao mesmo tempo, White causou diversas polêmicas no debate internacional, sobretudo por compreender que a história é uma protociência (WHITE, 2019, p. 36).

O americano defende que o ofício histórico possui um âmbito científico e um poético, de modo que os dados dos tempos passados são interpelados por um elemento linguístico que direciona o enredamento do problema a ser desenvolvido. Os conceitos teóricos e a estrutura de narrativização

dos pensadores são mediados por quatro tipos de consciência histórica: ironia, metáfora, sinédoque e metonímia. White conclui, de tal modo, que existe uma formulação pré-figurativa da história, composta pelos modos de elaboração de enredo, os modos argumentativos e os modos de implicação ideológica da autora ou do autor.

Certamente, sua obra não fica estagnada nessa enunciação. White manteve seu pensamento em constante movimento, dialogando com diversos intelectuais e reformulando – ou reafirmando – a sua teoria. Ainda em *Meta-história* (a qual deve ser analisada no conjunto das obras de White), encontramos a seguinte afirmação na introdução do livro, na nota de rodapé nº 4:

É claro que estou na iminência de abordar o debatidíssimo problema da moderna crítica literária (ocidental), o problema da representação literária “realista” [...] Em minha opinião, toda a discussão da natureza do ‘realismo’ em literatura se embaralha na incapacidade de estabelecer criticamente em que consiste uma concepção ingenuamente histórica da “realidade”. A tática habitual é pôr o “histórico” em confronto com o “mítico”, como se aquele fosse puramente empírico e este não fosse senão conceptual, e em seguida localizar o reino do “fictício” entre os dois polos (WHITE, 2019, p. 18-19).

Evidenciando, portanto, sua oposição ao historicismo moderno, White desenvolve sua reflexão segundo elementos da estética e da poética que colocariam em questão o realismo da história. Ao privilegiar a tradição da retórica para contestar o estatuto científico da historiografia, ele procura provar que existe um argumento formal que regula o – e é fomentada pelo – discurso narrativo que gera o passado a ser representado na escrita. É nesse cenário que os trópicos do discurso são introduzidos, criando *a priori* um paradigma aceitável da explicação do passado histórico.

Um maior desenvolvimento das ideias contidas em *Meta-história* é evidente nas posteriores obras whiteanas, como *Trópicos do discurso* e *O conteúdo da forma*, originalmente publicados em 1978 e 1987, respectivamente. Como coletâneas de alguns ensaios anteriormente publicados e então revisados, esses livros reforçam o caráter formalístico e tropológico da representação histórica. De acordo com Spiegel (2012), essa reafirmação de *Meta-história* é também uma radicalização de suas ideias principais: os trópicos não apenas pré-figurariam o discurso histórico, mas *constituíriam*⁸ os objetos do historiador. Assim, o posicionamento de White contra aquela historiografia, supostamente neutra, que pensava representar o passado de forma transparente, parece vir “em total fruição”⁹ (SPIEGEL, 2012, p. 3).

⁸ Ênfase nossa.

⁹ Tradução nossa. O trecho completo de onde extraímos essa expressão é: “Moreover, in identifying the content of historical narrative with the formal linguistic protocols (the form) by which it generated its discourse, White’s attack on

Consequentemente, White muitas vezes foi referido como um estruturalista, pós-estruturalista ou narrativista, o que prontamente o associou ao fantasma do relativismo, “figura gêmea de outro espectro, aquele do ceticismo, cujo limite parece rondar as bordas do irracionalismo” (CEZAR, 2015, p. 441). Por exemplo, na revista *História da Historiografia*, Karl Acham publicou o artigo *A compreensão histórica entre ceticismo e arbitrariedade: algumas considerações sobre as variantes recentes do relativismo histórico e cultural* (2011), em que aproximou White tanto dos pós-modernistas quanto dos linguístas tidos por céticos por conferir maior centralidade ao texto. De maneira geral, a teoria de White se resumiria, segundo Acham, na falsificação dos acontecimentos históricos:

A eficácia e o conteúdo informativo de cada narrativa são, por conseguinte, diversos. White admite, assim, que os fatos históricos podem ser controlados, ou seja: verificados ou ao menos falseados (ACHAM, 2011, p. 204).

Todavia, não parece que o termo “falsificação” esteja muito em voga na obra whiteana, pois os trópicos, na verdade, ilustram uma perspectiva que não aquela do falsário, do enganador. A preocupação de White está relacionada à pluralidade de discursos históricos e, com ela, às diferentes possibilidades de formulação do passado. Como visto na citação a seguir:

Sugeri que a natureza não científica ou protocientífica dos estudos históricos é sinalizada pela incapacidade dos historiadores de chegar a um acordo – como os cientistas naturais do século XVII conseguiram – sobre um modo específico de discurso... Como resultado, a historiografia permaneceu presa à criação de interpretações mutuamente exclusivas, embora igualmente legítimas, do mesmo conjunto de eventos históricos ou do mesmo segmento do processo histórico. (WHITE, 1973, p. 478)¹⁰.

O espaço aberto para as diversas narrativas historiográficas sobre o passado se resume menos à exclusão de uma pela outra e mais ao desenvolvimento da própria discussão. Sobre isso, Matthew Donelli indica que:

Se alguém buscar uma concordância perfeita entre as noções de verdade e história no gênero, ficará desapontado devido a falhas tanto da verdade quanto das estruturas

the illusion of transparent representation and objective treatment of the past common in traditional historiography seemed to come to full fruition” (SPIEGEL, 2012, p. 3).

¹⁰ Tradução nossa. [I have suggested that the nonscientific or protocientific nature of historical studies is signalled in the inability of historians to agree—as the natural scientists of the seventeenth century were able to—on a specific mode of discourse... As a result, historiography has remained prey to the creation of mutually exclusive, though equally legitimate, interpretations of the same set of historical events or the same segment of the historical process].

de divisão e encerramento que permitem que o gênero seja atribuído a uma história. (DONELLI, 2012, p. 215)¹¹.

Afinal, de que White estamos falando? Seria ele um narrativista? Um determinista? Um relativista? Como já explanado, a trajetória de White não se limita ao livro *Meta-história* e, ao entrar em contato com outros textos do autor, nos deparamos com um pensamento em constante processo diatático. Em outras palavras, seu raciocínio passou por consideráveis alterações, assim como suas fontes e sua forma de escrever ao longo do tempo. Dentre as várias tentativas de enquadrá-lo em definições, grupos ou correntes teóricas, percebe-se que há elementos que dificultam um tratamento sofisticado de seus textos. Logo, a recepção dos textos do intelectual norte-americano pode revelar algumas fendas escondidas nos caminhos da história.

“Nunca vi um orientador orientar um aluno de acordo com princípios pós-modernos”: estudo de recepção enquanto análise da operação historiográfica

Os estudos acadêmicos em história, na década de 80, estavam consideravelmente atrelados à estruturação universitária e ao processo de redemocratização. Nesse contexto de legitimação, as obras de White não obtiveram recepção positiva ou, como apontado por Franzini (2017, p. 334), não contemplavam os interesses majoritários dos historiadores. Para ele, o grande problema foi desconsiderar toda a imensidão dos escritos de White ao enquadrá-lo como pós-moderno, o que, imediatamente, o levaria a ser a maior ameaça possível para a história.

Como exposto até então, entre os binômios de verdade e mentira, realidade e ficção, moderno e pós-moderno, é impossível dizer que White não causou impacto. Embora isso seja inquestionável, Fábio Franzini (2017) argumentou que, até 2016, quando atualizou sua pesquisa, não encontrou um número expressivo de novos artigos sobre sua teoria ou que utilizavam seus textos como referência. Segundo o autor, após quarenta anos da publicação de *Meta-história*, ainda não se chegou à obstrução do conhecimento histórico (no sentido de que o pós-modernismo e o giro linguístico não destruíram a historiografia, como alguns historiadores temiam), nem mesmo a um debate sério sobre os trópicos, a imaginação histórica e a estrutura formal dos discursos.

¹¹ Tradução nossa. [If one seeks perfect concordance between notions of truth and history in genre, one will be disappointed due to failures of both truth and the structures of division and termination that permit genre to be assigned to a history].

Articulando os exames e os tratamentos metodológicos que historiadoras e historiadores realizaram em torno da teoria whiteana, temos a intenção de compreender de que modo seus escritos foram lidos e apropriados, tendo em vista sua importância para o debate sobre as fronteiras entre história e literatura. Por esse ângulo, nos interessa esboçar uma dinâmica entre o escrito, o lido, o incorporado e o rebatido na revista *História da Historiografia*. Acreditamos ser pertinente encarar a recepção de White como uma forma de analisar a operação historiográfica que circunda sua obra. Isso envolve, claramente, considerar o seu lugar e a sua prática, não deixando de lado a forma como esses aspectos se tensionam ou se reelaboram ao entrar em contato com seus críticos.

A elaboração teórica de Michel de Certeau nos é importante, neste momento, para nos orientar segundo a noção de que um saber é indissociável de sua prática social. *Faire de l'histoire*, que traduzido para o português poderia ser algo como “praticar a história”, abrange elementos lapidares da prática da história. Envolve, em certo sentido, um inserir-se na história; fazer parte dela, o que desemboca em considerar a história enquanto uma experiência social ao mesmo tempo que é aquilo que fazemos dentro da instituição histórica (CERTEAU, 2022). Nessa perspectiva, a recepção de um intelectual numa revista acadêmica envolve a análise do tipo de história que se deseja formular ao incorporar ou recusar determinadas ideias. Assim, aspectos literários na historiografia podem ou não ser vistos com bons olhos, levando em consideração, sobretudo, que há um efeito na escrita dos historiadores que remete ao não-dito, àquilo que é do subjetivo do historiador e que se esconde por trás da história enquanto lugar.

A recepção das indagações do giro linguístico estava calcada majoritariamente num receio de desestabilizar o ofício histórico diante de um cenário político delicado. Devemos considerar a preocupação dos historiadores para com sua prática, haja vista que a ditadura civil-militar proporcionou diversas querelas teóricas (CEZAR, 2015, p. 447). Assim, o marxismo, enquanto campo mais consolidado na história, foi quem teve maior influência no debate das ideias que vinham, sobretudo, de Derrida e Foucault. Ciro Flamarion Cardoso, importante historiador brasileiro, defendia que as teorias preocupadas com o discurso descentralizaram o que deveria ser o verdadeiro foco da historiografia: a realidade social e as condições materiais de produção e sobrevivência. Como salienta Cezar (2015, p. 448) sobre a recusa ao giro: “trata-se de um ataque generalizado a quase toda a produção recente que não seja orientada pelo marxismo”.

Em 2010, na *História da historiografia*, foi publicada uma entrevista com José Francisco Falcon, concedida às professoras Marcia de Almeida Gonçalves e Rebeca Gontijo. O historiador responde a

questões referentes à estruturação do ensino superior em história, sobretudo à pós-graduação. Um trecho dessa entrevista merece destaque:

[...] a documentação geralmente é fragmentária. Ela não nos é dada sob a forma de uma narração contínua, uniforme e não contraditória, pois, se assim fosse, talvez não houvesse lugar para o historiador. Senão seria uma redundância. O que o historiador faz é apropriar-se desses vestígios, desses restos e indícios e transformá-los em uma exposição inteligível. O pós-moderno nega essa possibilidade, aposta tudo na linguagem, a linguagem como uma dimensão fechada em si mesma. [...] Mas, para dizer a verdade, nunca encontrei um trabalho de história que tenha sido produzido de acordo com os postulados pós-modernos. Nunca vi um orientador orientar um aluno de acordo com princípios pós-modernos. (GONÇALVES, GONTIJO, 2011, p. 377).

Evidentemente, aqui encontra-se uma elucidação de que os documentos não fornecem uma narrativa em si próprios, pois ela é, na verdade, construída pelos historiadores. Falcon alerta, porém, que o pós-modernismo – no qual seriam encontradas as figuras de Hayden White e Dominick LaCapra – seria uma recusa à prática da história. O pós-modernismo seria, nesse sentido, seu fim. Isso engendra um debate sobre a própria constituição da história enquanto campo disciplinar: afinal de contas, o que é fazer história?

Seguindo esse rumo, as entrevistadoras questionam qual é o papel da teoria da história para Falcon. Ele expressa que a tarefa primordial da teoria e da historiografia é ensinar o aluno a enxergar o mundo com os olhos da história, ou seja, pensar historicamente. Entretanto, prossegue afirmando que, para fazer isso, “é preciso ter determinados princípios, determinados procedimentos, respeitar determinadas regras e ao mesmo tempo habituá-lo a pensar que ele não está sozinho no mundo” (GONÇALVES; GONTIJO, 2011, p. 374-375). Existe uma necessidade, portanto, de enxergar a figura do historiador como aquela que está em constante relação com outros e, portanto, formando redes de contato que legitimam e que produzem a instituição histórica.

À luz da leitura cereteuniana da *operação historiográfica*, podemos compreender a recusa do chamado pós-modernismo por Falcon. Segundo Certeau (2022), a produção de um saber específico é indissociável de sua instituição social. É em função do lugar que se instauram os métodos, as legitimações e os interesses daqueles que produzem o saber. Então, para Falcon, a aceitação do pós-modernismo seria uma ameaça por desestabilizar um tipo específico de história que se deseja produzir: aquela relacionada à materialidade das práticas do arquivo, que se legitima sobretudo por defender a importância do historiador enquanto um agente social que segue os princípios compartilhados por uma comunidade.

Essa entrevista nos mostra um espaço que a *História da Historiografia* abre para as implicações e consequências das ideias em circulação nela. Assumindo um posicionamento amplo, suas publicações nos convidam a questionar os fundamentos da história e debater os diversos intelectuais que atuam no meio acadêmico. No caso de associar Hayden White ao pós-modernismo, deveríamos nos perguntar se existe correspondência entre os trópicos do discurso e o “fim da história”. Ou, melhor, qual é a relação entre o labor material (pautado no real) e o labor narrativo da escrita?

Diogo Roiz, em seu artigo *O ofício de historiador: entre a ciência histórica e a arte narrativa* (2010), mostra que os pensadores das décadas de 1960 e 1970 questionavam a história por ela ser utilizada como ferramenta de exclusão e diferenciação de certos segmentos sociais. Caso nos atentemos a tal aspecto nas formulações whiteanas, percebemos que existe uma preocupação com os efeitos dos realismos históricos. A crítica ao cientificismo da história, amplamente difundida por Hayden White, se direciona em menor grau à possibilidade ou não de haver conhecimento verídico na historiografia e em maior grau ao papel social da história.

Os trópicos seriam uma materialização, ou melhor, uma expressão da consciência histórica (nos lembremos, pois, da relação que White estabelece entre argumento, enredo e ideologia) do historiador. Assim, White procuraria demonstrar, a partir de historiadores e filósofos oitocentistas, que é possível escolher um passado diferente daquele realismo burguês (PAUL, 2011), tornando-se livre da história enquanto algo demiurgo e podendo usufruir da criatividade e da imaginação para se localizar e se orientar no tempo.

Logo, os trópicos não são completamente desvinculados da realidade, mas surgem como frutos das adversidades políticas que envolvem o campo histórico. Roiz evidencia que, em *O fardo da história*, White defenderia que as demandas atuais reivindicavam outra forma de se pensar e de se produzir a história. O efeito material da escrita da história, dessa maneira, possui uma dimensão fundamentalmente ética no que diz respeito ao uso do tempo como fator político. Não estamos lidando com um fim da história; na verdade, estamos interrogando a história por acreditar que há em seu âmbito uma possibilidade de intervenção na realidade. Diante disso, nosso papel seria promover rupturas e descontinuidades, a fim de humanizar a experiência através da sensibilidade do e no tempo. Ademais, em *O texto histórico como artefato literário*, White enfatiza que a história não é suficiente para a sociedade porque perdeu sua capacidade de imaginação literária: “no empenho de parecer científica e objetiva, ela reprimiu e negou a si própria sua maior fonte de vigor e renovação” (*apud* ROIZ, 2010, p. 264).

Sobre isso, caso interessante na *História da historiografia* é o artigo de George Iggers, publicado em 2010, intitulado *Desafios do século XXI à historiografia*. Iggers elegeu Hayden White como emblema do Giro Linguístico nos Estados Unidos, alegando que ele foi responsável por transformar a narrativa histórica em literatura, já que defenderia que as filosofias da história se baseiam em imaginações históricas. Ao final do texto, produz uma crítica direta a White ao assinalar que, mesmo com uma impressionante gama de possibilidades para a historiografia contemporânea, esta não pode ser encarada como uma imaginação:

“Um pluralismo das estratégias de pesquisa pode ser muito frutífero. Mas estas estratégias não são criadas por uma imaginação poética, como alguns pós-modernistas ainda gostariam de afirmar. Estas estratégias deveriam ser conduzidas, antes, por padrões de investigação racional, e se submeterem à comprovação de sua validade” (IGGERS, 2010, p. 122).

Iggers faz referência apenas à introdução de *Meta-história* (não ao texto completo), sendo que, para uma discussão profícua acerca da imaginação histórica, *O conteúdo da forma* fornece rico arcabouço teórico para complementar a obra seminal. Para o americano, as formas de representar o passado possuem, intrinsecamente, um conteúdo significativo para o entendimento da narrativa. A forma diz mais sobre o caráter fictício da história, ao passo que o conteúdo narrado corresponderia ao histórico. Contudo, ambas as dimensões se conjugam em sua teoria, tendo em vista que a narrativa não se enquadra no binômio verdadeiro ou falso, mas sim no real ou imaginário.

Esclarecimentos como esses são providenciais para rebater outros argumentos que acusam White de ser um determinista linguístico. É o caso, por exemplo, de Rogério Forastieri da Silva (2015), o qual opõe a virada linguística à historiografia, colocando-a como um desafio, ao qual White é associado. Silva identifica que:

Ao fim e ao cabo, entre várias, uma das mensagens que a obra de Hayden White deixa para os historiadores é: “narrem menos” ou “escrevam menos” e estarão fazendo uma “boa” história; ou, se “estiverem realmente com vontade de escrever, passem para a literatura” (SILVA, 2015, p. 384).

Em outros momentos, o autor argumenta que as ideias de White são muito deterministas, e que, em certo sentido, a história seria apenas ciência ou apenas arte, mas não ambas. Realmente, o historiador americano não se amedronta em dizer que a história não é uma ciência e, claramente, não pretendemos assumir que Silva não leva em consideração que ele se refere às ciências da natureza. Por outro lado, tratando-se da história-discurso – identificação que Silva adota em seu artigo – White deixa explícito em outros textos que seu método trabalha a *escrita* da história e não as investigações

documentais, arquivísticas e bibliográficas (MARQUEZ, 2008, p. 14-46; WHITE, 1994; WHITE, 2013, p. 111-22). Nesse sentido, embora haja um certo reconhecimento, mesmo que superficial, de que a obra de White variou e suas ideias se modificaram ao longo dos anos, fica marcada a contradição em categorizá-lo como determinista por estar associado ao Giro Linguístico.

A mesma acusação foi feita por Iggers, em sua crítica ao *Meta-história*, que obteve uma resposta de White publicada na mesma revista. Em um trecho, White argumenta:

Não me considero um determinista linguístico, mas defendo que qualquer análise de qualquer tipo de escrita deve levar em conta as maneiras pelas quais o uso de vários códigos, dos quais a própria linguagem é um paradigma, permite e estabelece limites para o que pode ser dito sobre o mundo. Se isso me coloca no campo de Barthes, Greimas, Foucault e Derrida, tudo bem para mim; mas nenhum deles é um "determinista linguístico" e eu também não sou (WHITE, 2000, p. 394)¹².

Se antes discutimos o caráter narrativista, relativista ou estruturalista da obra de White, e agora estamos nos debruçando sobre outras visões que o chamam de determinista (em específico um determinista linguístico), fica evidente que não há um desentendimento ocasionado por simples desonestidade intelectual. A recusa do giro linguístico, efetivamente, é tributária da própria complexidade da escrita da história (ROIZ, 2010, p. 273). Como destacamos anteriormente, existe um elemento subjetivo nos autores que orienta suas práticas, se revela em sua escrita e é articulado com a posição social de onde falam. Assim, a historiografia é uma atividade de complexo movimento, que perpassa a relação que os historiadores estabelecem com seu ofício, com o passado e com suas convicções em torno daquilo que representam. Certamente, todos os autores até então analisados estão cientes de que a linguagem deve ser considerada na análise histórica, mas a rejeição de intelectuais como Hayden White revela uma preocupação pela história no seu caráter de instituição, a qual assegura a possibilidade de lidarem com os desafios de seu tempo.

Por englobar os resultados de uma pesquisa e a retórica utilizada pelo historiador, a escrita histórica toca naquilo que é sensível a todos: o agir humano no tempo. Se o debate que envolve o realismo, a imaginação e a ficção perpassa a criatividade presente na historiografia para lidar com o sentir e o viver o tempo, outra forma de encarar a teoria whiteana é a de utilizar tal criatividade não como um desafio, mas como uma “indisciplina” (CERTEAU, 2014).

¹² Tradução nossa. [I do not think that I am a linguistic determinist, but I do hold that any analysis of any kind of writing must take account of the ways in which the use of various codes, of which language itself is a paradigm, both enable and set limits on what can be said about the world. If this puts me in the camp of Barthes, Greimas, Foucault, and Derrida, it's alright with me; but none of these is a 'linguistic determinist' and neither am I.]

“Só com a literatura se pode ainda chorar”: o tempo e a escrita entre história e literatura.

Nesta seção do artigo, procuraremos delinear um tipo de produção de conhecimento, pertinente à teoria da história, fabricado *dentro* da operação historiográfica. Em síntese, tentaremos demonstrar formas de se escrever a história a partir de modos ou metodologias que não são comuns à historiografia em primeiro plano. A recepção da obra de Hayden White por historiadores recorre a elementos literários e ficcionais dentro dos mecanismos da própria historiografia para contestá-la. Em sentido semelhante ao que Certeau (2014, p. 41) define como as “maneiras de fazer”, aquelas que “constituem as mil práticas pelas quais usuários se *reapropriam*¹³ do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural”, identificaremos de que maneira historiadores incorporaram a teoria dos trópicos de White, em artigos da *História da Historiografia*, para analisar livros historiográficos e literários a fim de interrogar a história.

Nicolás Lavagnino, por exemplo, publicou o artigo *Lo compacto y lo distorsionado: ciencia, narrativa e ideología en Hayden White* (2014) com o objetivo de aprofundar o que White produziu em *Figural realism: studies in the mimesis effect* e apontar caminhos para complexificar o problema do figuralismo e da mimesis. Nesse texto, Lavagnino defendeu que a noção de figuralidade, da forma como elaborada em *Meta-história*, é supérflua e abre margem para todas as críticas que encarou. Para Lavagnino, o problema de White não estaria localizado na separação entre a ciência como o conhecimento justificado e a narrativa como um plano instável. Na verdade, ele desloca o foco para o caráter de *silogismo* e *entimema* da ciência, argumentando que, caso a ela possa ser compreendida por meio da tropologia whiteana, não faria sentido justificar a não-cientificidade da história por conta de seu caráter figurativo e imaginário.

A argumentação de Lavagnino é extremamente elaborada e rigorosamente elucidante, de modo que uma melhor compreensão só poderia ser alcançada a partir da leitura completa de seu texto. Em suma, o que se argumenta em sua primeira crítica a White (2014, p. 242-247) é que, considerando o entimema a lógica dedutiva e o silogismo o caminho que leva uma preposição a outra, a ciência se valeria de ambos, o que, consequentemente, exigiria a construção lógica de um caminho que ligue os dois pontos. Essa construção se deriva de elementos que são pré-lógicos, tais quais os trópicos do discurso na historiografia. Portanto, não seria necessária uma diferenciação implícita de práticas culturais para defender o uso da tropologia. Ao contrário, a figuração espaço para uma decodificação

¹³ Ênfase nossa.

de usos linguísticos em campos que se pretendem separados, embora sejam semelhantes em certa medida. Nas palavras de Lavagnino:

Longe de permitir uma caracterização do tropológico e do narrativo como “não científico” e de identificar o científico plenamente como “a área compacta do discurso”, a diáde nos permite entender os processos de legitimação disciplinar dentro dos vários espaços de práticas disciplinares e o lugar da fixação ou mutação de léxicos e vocabulários nesses mesmos processos, independentemente dos conteúdos mencionados. (LAVAGNINO, 2014, p. 247)¹⁴.

A tropologia, nesse sentido, não deveria ser a única forma de análise dos discursos das ciências humanas e sociais, assim como a ideologia não poderia ser enxergada apenas como os modos combinatórios da percepção estética. Caso assim continuássemos, estaríamos mantendo em vigor “o mito de que a narração é uma fabulação na margem inoperante de um mundo mais imaginário que real” (LAVAGNINO, 2014, p. 254).

Em caminhos semelhantes, Julián Norberto Zicari, em seu texto *Narrativa literaria e historia, algunos puntos de debate: la concepción metahistórica de Hayden White frente a las críticas de Chris Lorenz* (2015), expõe as críticas de Chris Lorenz ao narrativismo e, em seguida, o contrapõe, apontando inconseqüências e fragilidades em suas ideias. Embora Lorenz não se dirija a um White fantasmagórico, acusa a todos os narrativistas de aplicarem uma teoria pouco ou nada pertinente. Sua principal crítica é que esses pensadores substituem o empirismo pela estética. Todavia, buscando responder a essas questões, Zicari se insere no debate como uma espécie de terceira voz, e defende White perante as acusações ao seu enquadramento. De acordo com Zicari, não se trata de manter um dualismo dicotômico entre dados e narrativa, mas sim de compreender que a forma narrativa é a responsável por integrar os dados que tenta explicar. Portanto:

[...] Não se trataria de uma dualidade exclusiva na qual 'fatos' e 'palavras' teriam caminhos separados que teriam de ser feitos para 'corresponder' de acordo com um tipo de formulação, mas, em todo caso, um dualismo inclusivo, do mesmo tipo que, em explicações históricas, 'estrutura e conjuntura' ou 'sujeito e instituição' (ZICARI, 2015, p. 135)¹⁵

¹⁴ Tradução nossa. [Lejos de permitir una caracterización de lo tropológico y lo narrativo como “lo no científico” y de identificar lo científico plenamente con “el área compacta del discurso”, la diáda nos permite la comprensión de los procesos de legitimación disciplinar al interior de los diversos espacios de prácticas disciplinares y el lugar de la fijación o mutación de los léxicos y vocabularios en esos mismos procesos, con independencia de sus contenidos mentados].

¹⁵ Tradução nossa. [No serían una dualidad excluyente en la que ‘hechos’ y ‘palabras’ tuvieran caminos separados que habría que hacer ‘corresponder’ según un tipo de formulación, sino, en todo caso, un dualismo inclusivo, del mismo tipo que, en las explicaciones históricas, lo son ‘estructura y coyuntura’ o también ‘sujeto e institución’].

Preocupando-se com as abordagens dentro da escrita histórica, tanto Zícarí quanto Lavagnino promovem uma complementação adequada e a qual devemos dar maior atenção nos estudos acerca de White. Percebe-se, claramente, que eles se posicionam no debate, apontando caminhos possíveis e complementação bibliográfica de outros historiadores e filósofos.

Aitor Bolaños de Miguel (2014), por outro lado, parte para a análise de gêneros literários, procurando cartografar os diálogos entre o romance e a historiografia. Miguel recebe a teoria dos trópicos de maneira muito convidativa, de modo que, em primeiro momento, explana os argumentos de White sem intenções críticas. O mais interessante, porém, é que o autor admite a utilização de uma prática denominada *literatura historiográfica*:

É por meio da elaboração de uma narrativa que o historiador coloca os dados à sua disposição em uma estrutura ficcional que lhes dá significado e os explica com pretensões realistas. É por isso que White enfatiza que "essa transformação de eventos brutos em fatos historicamente significativos envolve um uso figurativo da linguagem que tem uma clara afinidade com a criação literária". Por essa razão, poderíamos falar de literatura historiográfica. (MIGUEL, 2014, p. 221)¹⁶

Ao final do seu texto, o autor esclarece que novos experimentos pós-modernos estão sendo realizados na historiografia, diante da crise na atitude de lidar com o passado. Nesse sentido, para ele, seria imprescindível que o romance e a história permaneçam lado a lado, pois ambos fazem com que a vida mereça ser vivida.

Aspecto de seu artigo importante de ser destacado é que, para além de *Meta-história*, Miguel lança mão de outras quatro obras: *Figural Realism: Studies in the mimesis effect* (1999); *El contenido de la forma: Narrativa, discurso y representación histórica* (1992); *The Content of the Form: Narrative discourse and historical representation* (1989); *Tropics of Discourse: Essays in cultural criticism* (1978). Isso reforça a necessidade de termos uma visão holística do trabalho de White para saber dosar as críticas e propor metodologias diferentes para definir o valor e o uso da história¹⁷.

¹⁶ Tradução nossa. [Es por medio de la elaboración de una narración como el historiador sitúa los datos de que dispone en una estructura ficcional que les da sentido y los explica con pretensiones realistas. Por eso, White subraya que 'esta transformación de los acontecimientos brutos en hechos históricamente significativos entraña un uso figurativo del lenguaje que tiene una clara afinidad con la creación literaria' (CABRERA 2005, p. 130). Por esta razón, podríamos hablar de literatura historiográfica.]

¹⁷ Gostaríamos de ressaltar que os artigos de Miguel e de Zícarí aqui analisados foram influentes em outras discussões no Brasil e na América Latina, para além da relação entre história e literatura. O primeiro, por exemplo, foi citado em cinco outros trabalhos dedicados a diversos temas, como a relação entre história e cinema (QUINSANI, 2015). Zícarí, por sua vez, foi referência em debates sobre epistemologias feministas e narrativas historiográficas (POSTALI, 2022).

Ao falar de uma literatura historiográfica, Miguel se atenta ao uso figurativo da linguagem num processo de criação literária e, considerando que um historiador se vale de sua imaginação, não seria exagero dizer que uma parte da sua escrita é literária. Mesmo que isso já tenha sido destacado ao longo deste artigo, gostaríamos de reforçar a “indisciplina” aqui presente: novas formas historiográficas aparecem quando é dada a elas a oportunidade de conviver com a historiografia acadêmica e tradicional. Como presente no título do texto de Miguel, essas elaborações são *experimentos*, ou seja, servem para testar hipóteses e possibilidades não para atacar a história, mas para se desenvolverem ao seu lado. O próprio Hayden White diversas vezes lançou mão de livros literários romantistas e realistas para analisar as estruturas de conhecimento das sociedades oitocentistas. Para além disso, contudo, um dos *experimentos* a serem realizados, ou melhor, uma das *indisciplinas* dentro da nossa operação é deixar de enxergar a literatura apenas como fonte para comprovar o real, mas escutar o que ela tem a dizer para refletir teoricamente sobre a história.

Pensando de tal maneira, Mariela Solana, em *Archivos de infelicidad en la ficción realista: el fracaso del sueño americano en Pastoral Americana y Flesh and Blood* (2014), utiliza Hayden White como principal suporte teórico para compreender em que medida a história pode se valer de elementos literários em sua escrita a fim de representar o passado. Para a autora, as dimensões literal e figurativa possuem, entre si, um *continuum lingüístico*. Estudando as obras literárias *Pastoral Americana* e *Flesh and Blood*, ela procurou historicizar as emoções e sensibilidades de um determinado período histórico. O apoio de Solana em White surge como uma tentativa de justificar as aproximações entre história e literatura, com o intuito de compreender como ela pode conceder acesso à inserção das emoções no tempo.

Gilda Bevilacqua (2014), por sua vez, partiu das palavras de White acerca de *Austerlitz*: um romance em que não se passa nada no sentido temporal; é um entrelaço e sobreposição de tempos distintos. Caso consideremos esse o sentido do tempo, o significado do enredo viria da forma, e não dos dados. Os elementos literários de Sebald são lentes para enxergar o mundo real. Bevilacqua se questiona se a historiografia corresponde à noção de tempo apresentada em Austerlitz. Com isso em mente, se apoia na teoria dos regimes de historicidade de Hartog e nas noções de experiência e expectativa de Koselleck para apresentar a ideia de *passado prático* como uma forma de contemplar questões identitárias da personagem principal, as quais são representativas de planos internos da subjetividade e vão além das capacidades técnicas do passado histórico.

Em Austerlitz, conseguimos perceber uma passagem do passado histórico para o passado prático, ou seja, as personagens não procuram o passado por ele mesmo, mas pelas sensações e imagens

que ele pode suscitar. O passado prático é uma problemática muito pertinente no pensamento de White. Para ele, a diferenciação entre passado histórico e passado prático se daria a partir da consideração das formas pelas quais os sujeitos se apropriam de seu passado em vista do futuro. O passado prático é aquele que busca responder à pergunta “o que devemos fazer?”; é aquele manifestado a partir da percepção de que o presente faz parte da história e que, portanto, estende a imaginação literária para o mundo social (WHITE, 2018, p. 15). Em suas palavras:

O passado prático é composto por todas aquelas memórias, ilusões, porções de informações errantes, atitudes e valores que o indivíduo ou o grupo convocam das melhores maneiras possíveis para justificar, dignificar, escusar, fazer um alibi ou defender ações a serem tomadas na busca de um certo projeto de vida. Os passados políticos, jurídicos e religiosos raramente podem ser abordados sem algum tipo de ideologia ou parti pris de algum tipo. Não há dúvidas de que se pode dizer que tais passados pertencem à história, mas eles *raramente são receptivos às técnicas de investigação dos historiadores profissionais* (WHITE, 2018, p. 16) [Grifos nossos].

White ressaltou que os historiadores modernos do século XIX não conseguiriam receber os passados práticos, pois esses passados seriam carregados de ideologia, memórias, ilusões e percepções da realidade que extrapolam o campo do científico. Isso é interessante, pois reforça o caráter literário e poético do passado prático – que contempla eventos traumáticos e sensíveis de uma maneira que o histórico não pode alcançar. Então, Austerlitz seria um *Roman*: um livro que pode ser enquadrado como romance histórico, justamente porque é uma narrativa potente para a análise do passado e da historicização das emoções. Daí é que se questiona a escrita acadêmica enquanto veículo do conhecimento historiográfico. Aos modernos, isso pode ser uma visão defeituosa da história, mas:

A “história” da qual os modernistas estavam fugindo não era o mundo que eles encontravam na vida cotidiana, mas aquela versão fantasmagórica do passado construída pelos historiadores profissionais, aquele “passado histórico” elaborado por eles para esvaziar o pretérito de sua utilidade “prática” (WHITE, 2018, p. 19).

Acerca de Austerlitz, não se poderia deixar de citar que, quando se trata de sua relação com a história, as problematizações teóricas não se limitam à historicização das emoções. No que diz respeito à sensação de se sentir atravessado pela opacidade do tempo, de encontrar o familiar na experiência histórica através do estranhamento e das frágeis reminiscências, Austerlitz se demonstra um romance que complexifica a história, o tempo e a existência de si enquanto sujeito (CHARBEL, 2016). Trata-se da apresentação de uma proposta do que pode ser a história, que pensa outros sujeitos a serem alcançados, outros campos a serem representados, outras sensibilidades a serem compartilhadas, pois apenas com a literatura é possível chorar (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 54-55).

Mesmo em livros historiográficos, a teoria dos trópicos pode ser reapropriada, tendo seus méritos e seus limites destacados, a fim de refletirmos sobre a escrita do tempo. Lavagnino, em *La imaginación cliométrica: Una lectura narrativista de Coacción y mercado de E. Tandeter* (2017), analisa a obra de Tandeter – consolidado como um cânone na historiografia argentina – que trata a mineração da prata em Potosí durante o período colonial. Segundo Lavagnino, o enredo da história revela a frustração dos seus agentes, porque a narrativa irônica se coloca em um ponto de vista distante e, por conta disso, consegue marcar aspectos que não estavam sob controle dos colonizadores.

De maneira mais específica, o autor nos mostra que *Coacción y mercado* possui diversos enredos, sendo um deles mais abrangente, que se encontra nas extremidades geográficas da narrativa. Esse enredo maior entrelaça as demais vivências temporais. Para tanto, seria imprescindível lançar mão de elementos textuais como gráficos, imagens e tabelas que reconstroem as dinâmicas e os dilemas da situação. Assim como White reivindicava a ruptura e a descontinuidade, Lavagnino defende que a heterogeneidade do texto é o que garante a interrelação dos componentes do discurso.

Pela estratégia de expor conteúdos de maneira diversificada, o contexto se amplia e, em conjunto, forma uma narrativa por meio da qual os vários enredos devem ser lidos. Cabe dizer, em tal cenário, que historiadores podem (senão devem) dinamizar os modos de apresentação do passado, sobretudo os jogos com tempo e espaço:

As idas e vindas temporais permitem atrasos, recapitulações e vínculos por meio de hiatos e linhas de sutura. Uma das linhas do enredo exige a vinculação de três gráficos (1, 2 e 7), que vão de 1581 a 1810, depois a linha de ação narrativa retorna ao período de 1790 a 1793 e salta para 1826. As reversões, os hiatos e as alterações da linha do tempo são complementados pela função de intensificação temporal. (LAVAGNINO, 2017, p. 163).

A fim de compreender que tipo de leitura desses textos deve ser realizada, o autor apontou que, para além dos trópicos de White, seria fundamental recorrer a outras táticas que foram ignoradas pelo narrativismo: os contratos de leitura e as operações de concretização entre narrador, autor e leitor.

Como já dito anteriormente, a frustração acerca da longa duração sugere, do texto, uma perspectiva irônica, mas, além disso, a reconstrução que Tandeter promove em torno da *mita* elabora um cenário *trágico*. Perceber esse elemento é fundamental para Lavagnino, pois “essa tragédia é paralelizada, sem interrupção, com o olhar agentivo e conciliador da produção de mineração como uma atividade popular, mostrando uma forma heteróclita de reprodução social baseada na contestação

subalterna por meio do kajcheo” (LAVAGNINO, 2017, p. 166)¹⁸. Entretanto, essa percepção sobre a reprodução social, que interfere nas relações na sociedade até os dias atuais, poderia apenas ser protocolizada caso o enredo fosse estruturado como uma *comédia*. Ou, então, a convivência entre a elite e os arrendatários é performada através de uma *sátira*, isto é, da observação das esperanças e do reconhecimento de sua inadequação: o mundo já não possuiria mais retorno.

Percebe-se, dessa maneira, que há três tipos de enredo estipulados por White na mesma narrativa e, portanto, não há como escolher apenas um para se tratar de um assunto tão complexo como a colonização na América, em especial na região da Prata. Como o autor aponta, é notável uma contradição entre as elaborações de enredo em torno de uma narrativa que trata de elementos complexos e dinâmicos. Por exemplo, a tragédia e a comédia agem de maneira semelhante, tendo em vista que ambas sugerem uma libertação ao final. Contudo, enquanto a segunda é demarcada pelas reconciliações no mundo social, a primeira demonstra divisões entre os homens (WHITE, 2019, p. 24). No caso, o fim da *mita* é produto de revoltas e subversões, ao mesmo tempo que sua estrutura permanece influente por meio da separação das classes sociais – que se baseiam, também, em raça e gênero.

Considerando a diversidade de enredos e a necessária sintagmática interna dos elementos discursivos, a tropologia de White parece ser limitadora das potencialidades narrativas. De acordo com Lavagnino, estabelecer operações narratológicas de antemão, delimitando aquilo que é (*pré*)figurativo e, depois, configurativo, assemelha-se a uma concepção linear da escrita da história (LAVAGNINO, 2017, p. 167). A mineração em Potosí e o sistema de trabalho baseado na *mita* são muito complexos e, segundo Lavagnino, não podem ser baseados em uma teoria linear, com tropos dominantes e tramas unitárias. As dominações não são apenas entre colonizadores e colonizados, mas em planos textuais diversos: são perspectivas de vida, de trabalho diferentes; ações e vivências contraditórias e antagonistas. As considerações de Lavagnino nos são importantes para a recepção de White, pois identifica avanços que devem ser feitos, caso haja o objetivo de incorporar os trópicos em assuntos complexos e externos às dinâmicas intelectuais europeias do século XIX analisadas pelo autor norte-americano.

¹⁸ Tradução nossa. [Esa tragedia es puesta en paralelo sin solución de continuidad con la mirada agenciadora y conciliadora de la producción minera como actividad popular, mostrando una forma heteróclita de reproducción social basada en la contestación subalterna por medio del kajcheo].

Tendo em vista a leitura dos textos de Solana, Bevilacqua e Lavagnino, algumas reflexões podem ser realizadas em torno do propósito da literatura e dos trópicos. As duas primeiras, ao colocarem textos literários como objetos de estudos, nos revelam implicações teóricas importantes para a historiografia, sobretudo no que diz respeito a todos os *giros* anteriormente comentados. Seja ele linguístico, cultural, narrativo ou afetivo, a literatura nos mostra que o campo das sensibilidades é extremamente envolvente no entendimento do passado. As fervorosas críticas que White dirige à constituição da história enquanto ciência moderna são providenciais aqui, pois reforçam e legitimam a proximidade dessa disciplina com a poesia, pois a historiografia acadêmica, em seus moldes tradicionais, não seria capaz de englobar a historicidade das emoções, ou ainda, a complexidade do raciocínio humano sem se colocar, também, em observação metacognitiva.

Os textos literários produzidos em períodos de conflitos extremos, como no caso das duas guerras mundiais, e aqueles escritos durante e posteriormente a regimes ditatoriais, então, muito podem nos dizer. Tratando-se das luzes e das sombras, das idas e vindas e das mesclas de sensibilidades, como o medo e a esperança, é perceptível como retomam o caráter humanizador da literatura: o afinamento com as emoções, subsidiado pelo exercício de reflexão, revela o indecível. Para a história, no caso, é profícuo compreender como temas tão singulares – a temporalidade, a configuração do tempo e a memória – possuem suas formas inseridas e confundidas no fluxo de uma narrativa em que nada ainda é nítido, talvez por sua claridade ou por sua obscuridade.

Na análise de textos historiográficos na revista *História da historiografia*, sobretudo aqueles que se constituem como cânones em seus respectivos países, os trópicos se mostraram pertinentes para conceber a imaginação histórica que os rondou. Por exemplo, Lavagnino identifica a forma como Tandeter compreendia o passado e quais eram as implicações para a escrita da história: se a *mita* comprometeu as relações sociais no período colonial, a “reconciliação” ao seu final não foi pacífica em via alguma e, ainda, foi determinante na organização social da região. Certamente, as críticas que o autor produz a White em seus dois artigos aqui estudados são muito produtivas para a historiografia no que tange ao giro linguístico e ao narrativismo. Seria interessante e consideravelmente profícuo se fossem publicados estudos semelhantes aos seus voltados para a historiografia brasileira, pensando-a a partir dessa dimensão formalista.¹⁹

¹⁹ Obviamente, estudos assim já foram feitos, apenas não publicados na *História da Historiografia* ou, então, apenas não acolhidos neste trabalho como fontes. Caso haja interesse em conferir análises acerca da imaginação histórica brasileira na década de 30 do século XX e, também, da forma estilística dos cânones da historiografia do país, ver: NICODEMO, 2014, NICOLAZZI, 2015 e BENTIVOGLIO, 2018.

“Após, acima, sobre ou além da escrita histórica”: considerações finais

Como dito por Franzini, pode ser singelo produzir uma pesquisa sobre a recepção de Hayden White em uma revista brasileira, mas é interessante esquematizar o que tem sido dito sobre o autor, em tons positivos e negativos; que obras têm sido referenciadas e quais contradições cometidas e/ou apontadas. Dos dezoito textos estudados, foi possível compreender algumas dinâmicas concernentes ao uso da literatura na escrita da história, em específico a partir da recepção de Hayden White enquanto incorporação ativa.

A revista *História da Historiografia*, no recorte temporal aqui realizado, se demonstrou aberta à diversidade de ideias em torno da teoria da história e da historiografia. Ela deu à teoria de Hayden White um espaço de debates críticos, de reformulação e, em alguns casos, de orientação. Todavia, não é possível esgotar o tema com esse recorte e não é nosso intuito afirmar que da forma como escrevemos este artigo é que se organizou toda a historiografia do país referente ao tema trabalhado. Evidentemente, centenas de outros estudos importantes para a compreensão da recepção de White foram produzidos e publicados fora daquela revista.

Procuramos estabelecer um panorama, ainda que delimitado, das formas pelas quais White e a literatura foram discutidos na última década, seja como uma forma de contextualização ou como suporte para produção de conhecimento científico. Se Burke, antes, dizia que era tempo de irmos além de *Meta-história* (BURKE *Apud* FRANZINI, 2017, p. 344), aqui se dispõem tanto materiais quanto autores que nos dão abertura para complexificar a teoria dos tropos e, ademais, seguir produzindo intervenções na escrita da história diante das problemáticas em debate desde a década de 60. Espera-se, então, poder ter contribuído para o entendimento de como história e literatura têm sido encabeçadas e articuladas, assim como com as maneiras pelas quais podemos nos apropriar das ideias de White no campo da história.

É notável que, quando a discussão acerca do pós-modernismo não está em voga, a literatura é enxergada apenas como uma fonte à disposição da história. Em outras vias, entretanto, a experiência histórica e a busca de sentir o passado atravessam a reconfiguração do empirismo histórico em diálogo com elementos literários, como o potencial de dissolução da ironia, a presença de um discurso vivido (ou atento ao discurso vivido), a utilização da primeira pessoa como um personagem histórico-literário etc. Muitos autores nos mostram que história e literatura estão inseridas em fronteiras horizontais, sobretudo por meio do imaginário e da ficção no discurso científico.

É importante levar em consideração a articulação entre o científico e o figurativo nos jogos narratológicos, compreendendo, com eles, a multiplicidade do tempo histórico, bem como as reversões e as alterações na linha temporal para a construção de uma sintagmática interna no texto histórico. Nos valendo das palavras de Spiegel (2013, p. 2), podemos dizer que, embora o uso do termo “meta” indique algo de dentro da narrativa, ele também pode ser compreendido como uma “crítica após, acima, sobre ou além da escrita histórica”. Podemos abordar a história como um ato comunicativo e, com isso, compreender as conformidades e as tensões entre as experiências histórico-culturais e a (não) linearidade da interpretação histórica.

Referências

Referencial teórico:

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Curitiba: Editora Apris, 2019.
- AVELAR, Alexandre de Sá. Hayden White nas páginas de History and Theory. Dois momentos: 1980 e 1998. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 20, n° 37, p. 37-49, jul.-dez. 2018.
- BENTIVOGLIO, Julio. Uma reverência à Meta-história e a Hayden White: o passado como sátira irônica e liberal em Sérgio Buarque de Holanda. **ArtCultura**. Uberlândia, v. 20, n. 37, p. 51-65, jul.-dez. 2018.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3a ed. 2022.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: as artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 21a ed. 2014.
- CEZAR, Temístocles. Hamlet Brasileiro: ensaio sobre giro linguístico e indeterminação historiográfica (1970-1980). *História da Historiografia*, Ouro Preto, n° 17, 2015, p. 440-461.
- CHARBEL, Felipe. Uma filosofia inquietante da história: sobre Austerlitz, de W. G. Sebald. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 8, n. 19, 2016.
- DONELLI, Matthew Z. Truth, Narrative, and Opening Space. **Open Journal of Philosophy**, v. 2, n° 4, 2012, p. 213-218.
- FRANZINI, Fábio; GONÇALVES, Márcia. Giro linguístico e escrita da história. In: **I Seminário de História e Cultura: Historiografia e Teoria da História da Universidade Federal de Uberlândia**. Disponível em: <https://youtu.be/t8jmK-BUpRE?feature=shared>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- FRANZINI, Fábio. Mr. White chega aos trópicos: notas sobre Meta-história e a recepção de Hayden White no Brasil. In: BENTIVOGLIO, Julio; TOZZI, Verónica (org). **Do passado histórico ao passado prático: 40 anos de Meta-história**. Vitória: Editora Mil Fontes, 2017, p. 329-344.

- MARQUEZ, Rodrigo Oliveira. **Hayden White e seus críticos**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. 2008.
- NICODEMO, Thiago Lima. Os planos de historicidade na interpretação do Brasil em Sérgio Buarque de Holanda. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**. Ouro Preto, v. 7, n. 14, 2014, p. 44-61.
- NICOLAZZI, Fernando. **Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre Casa Grande & Senzala e a representação do passado**. Tese (doutorado) - Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2015.
- SPIEGEL, Gabrielle M. Above, about and beyond the writing of history: a retrospective view of Hayden White's *Metahistory* on the 40th anniversary of its publication. **Rethinking History**, 2013.
- SURKIS, Judith. When was the linguistic turn? A genealogy. **The American Historical Review**. v. 117, n. 3, 2012, p. 700-722.
- VANN, Richard T. The reception of Hayden White. **History and Theory**. v 37, n. 2, 1998, p. 143-161.
- WHITE, Hayden. H. An Old Question Raised Again: Is Historiography Art or Science? (Response to Iggers). **Rethinking History**, p. 391-406, 2000.
- WHITE, Hayden. Como eu não escrevi Meta-história. In: BENTIVOGLIO, Julio; TOZZI, Verónica (org). **Do passado histórico ao passado prático: 40 anos de Meta-história**. Vitória: Editora Mil Fontes, 2017, p. 329-344.
- WHITE, Hayden. **Figural realism: studies in the mimesis effect**. Johns Hopkins University Press, 1998, p. 1-26.
- WHITE, Hayden. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX**. Editora da USP: São Paulo, 2019.
- WHITE, Hayden. Teoria Literária e escrita da história. **Revista Estudos históricos**, v. 7 n. 13: CPDOC 20 anos, 1994.
- WHITE, Hayden. **The content of the form: narrative discourse and historical representation**. Johns Hopkins University Press, 1978, p. 1-82 e 185-244.
- WHITE, Hayden. **Tropics of discourse: essays on cultural criticism**. Johns Hopkins University Press, 1985.
- WHITE, Hayden. O Passado prático. **ArtCultura**. Uberlândia, v. 20, n. 37, p. 9-19, jul.-dez. 2018.

Fontes:

- ACHAM, K. A compreensão histórica entre ceticismo e arbitrariedade: algumas considerações sobre as variantes recentes do relativismo histórico e cultural. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 4, n. 7, p. 201-224, 2011.
- AMED, F. Das possibilidades do conhecimento histórico quando aproximado do ceticismo radical. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 3, n. 4, p. 163-177, 2010.

BEVILACQUA, G. Entre el tiempo y la historicidad: reflexiones sobre Austerlitz de W. G. Sebald. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 7, n. 16, p. 138–155, 2014.

BEVIR, M. Porque a distância histórica não é um problema. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 8, n. 18, 2015.

DA SILVA, R. F. The history of historiography and the challenge of the linguistic turn. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 8, n. 17, 2015.

DA SILVEIRA, P. T. Ficção, literatura e história através da “Crônica do descobrimento do Brasil” (1840), de Francisco Adolfo de Varnhagen. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 2, n. 3, p. 34–52, 2009.

GONÇALVES, M. de A.; TEIXEIRA, R. G. About History, historiography and historians: interview with Francisco Falcon. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 4, n. 7, p. 365–382, 2011.

HARTOG, F. Aristóteles e a história, mais uma vez. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 6, n. 13, p. 14–23, 2013.

IGGERS, G. Desafios do século XXI à historiografia. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 3, n. 4, p. 105–124, 2010.

LAVAGNINO, N. Lo compacto y lo distorsionado: ciencia, narrativa e ideología en Hayden White. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 7, n. 16, p. 239–256, 2014.

_____. La imaginación cliométrica: Una lectura narrativista de Coacción y mercado de E. Tandeter. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 9, n. 22, 2017. DOI: 10.15848/hh.v0i22.1143.

MELLO, R. M. de. Um desconstrucionista desconstruindo a história. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 3, n. 5, p. 232–238, 2010.

MIGUEL, A. B. Experimentos historiográficos postmodernos (3): diálogos entre la novela y la historia. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 7, n. 16, p. 217–238, 2014.

POSTALI, Marina de Quadros. **Pelo direito de dizer eu: epistemologias feministas e narrativas historiográficas**. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) - Universidade Federal da Fronteira Sul. 2022.

QUINSANI, Rafael Hansen. **A revolução em película: a relação cinema-história e a transformação do paradigma historiográfico**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2015.

ROIZ, D. da S. O ofício de historiador: entre a ‘ciência histórica’ e a ‘arte narrativa’. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 3, n. 4, p. 255–278, 2010.

SANTOS, W. G. A crítica historiográfica no Brasil nos anos 1990 e o espectro do linguistic turn: embates entre “modernos” e “pós-modernos”. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 12, n. 30, 2019.

SILVA, J. del C. Utopías y distopías de nuestra historia: Aproximación historiográfica a lo latinoamericano en el pensamiento social mexicano del siglo XX: Edmundo O’Gorman, Guillermo Bonfil Batalla y Leopoldo Zea. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 11, n. 28, 2018.

SOLANA, M. Archivos de infelicidad en la ficción realista: el fracaso del sueño americano en Pastoral Americana y Flesh and Blood. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 7, n. 16, p. 156–173, 2014.

ZÍCARI, J. N. Narrativa literaria e historia, algunos puntos de debate: la concepción metahistórica de Hayden White frente a las críticas de Chris Lorenz. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 8, n. 18, 2015.